

27 ABR 1988

Desvios da travessia

Villas-Bôas Corêa

O medo não aperta o coração apenas nas dúvidas quanto à possibilidade da saída mas se antecipa nas angústias de como chegar até lá. A crise está crescendo tanto, disparou em tal velocidade, ampliando-se para a ocupação de todos os espaços, que o desafio imediato a contornar encurtou para a urgência de chegar até o final do ano, com a promulgação da futura engasgada Constituição e o alívio do sufoco que comprime a goela com o expediente da realização da eleição municipal para prefeito e vereador. O depois soará seu tempo. Não dispomos de folgas para o planejamento a médio prazo.



Persistem, cultivadas nas especulações sem respostas, as interrogações sobre as chances de uma modesta campanha municipal sacudir o marasmo que entorpece o país, convocando-o a reocupar os espaços abandonados e voltar a participar da transição, nos seus atos finais, até o desfecho no ano que vem, com a diretoria para a escolha do sucessor do presidente José Sarney. Campanha é sempre campanha. E se uma corrida para a prefeitura e Câmara Municipal não tem, não pode ter, a sedução de uma briga para valer pelo poder mais ato, convém não esquecer que no estado de espírito de revolta e contida ansiedade de desforra do povo, qualquer campanha, qualquer eleição inflará até a dimensão de um julgamento nacional.

Não parece sensato perder tempo com conjecturas projetadas para longínquos seis meses. Antes da eleiçãozinha de 15 de novembro precisamos atravessar um trecho de turbulências potenciais. Pelo menos até que a campanha ocupe a rua, mexa com o povo ressabiado, descrente e seja identificada como uma proposta de mobilização, ensaio para a verdadeira eleição do ano que vem, segundo todas as probabilidades. Diretas para este ano já dançaram: são sinônimo de desestabilização do governo e veto militar. Portanto, de cise, de conflito entre poderes, um paisano e outro farddo.

Nunca se viu um nó tão acochado. Parece proposital, molecagem perversa de divindade tavaessa.

Contem nos dedos:

1- A inflação desatinou. Nem os economistas mais otimistas, presos ao governo pelo contracheque, se aventuram à desmoralizante ousadia de prever a que índices estaremos padecendo daqui para o final do ano. As previsões tocam as pontas do mesmo buraco de horror. Ou a praga da hiperinflação, com toda a perversidade do seu custo social, punindo, como de praxe, os carentes ou novo bis da panacéia do congelamento de preços e salários. A hiper é o choque brutal, o murro na boca do estômago encolhido de fome. Leva à lona ou acorda da sonolência, sacode a sociedade pelo gargante, forçando-a a sacudir o torpor público e exigir as amargas medidas de salvação. De qualquer modo, para este ano apenas o pior, a pancada na nuca, o desmaio ou o começo da ira que costuma desatar a cobrança de soluções e não mais a ilusão dos paliativos, das mágicas e mentiras.

2- A Constituinte envelheceu, parece de senectude precoce. O que ali se passa não mais interessa ao grande

público. O povo afastou-se dela, com lenço no nariz, batendo com os pés no chão para distrair a raiva. Nem tem nada mais a oferecer como espetáculo e nem guardou para os seus últimos atos decisões de efetivo apelo popular. As galerias não mais se inquietam com o alvoroço da presença do povo, mesmo do povo transportado pelas organizações de ponta. A frequência agora é outra. A camisa amarrotada e poída, as sandálias engatadas no dedão foram substituídas pela elegância impecável dos ternos bem recortados, os finos sapatos dos *lobbistas*. A Constituinte do povo virou a Constituinte dos *lobbies*. O flagrante, na sua crueza, dispensa adjetivação: foto sem legenda.

3- Os partidos estão se dissolvendo na geléia que mistura todas as legendas para dividi-las, na linha dos interesses de cada votação, em blocos heterogêneos. Um, o *centrão*, moderado, conservador; outro pendendo para a esquerda. Mas os blocos se compõem e desfazem a cada momento, em permanente permuta. Os núcleos básicos não se alteram. Na periferia, o câmbio é intenso, denunciando a fragilidade das convicções. É natural. Se os partidos não se afirmaram, a começar pelo PMDB de escapismo vexaminoso, não serão os sucedaneos de blocos efêmeros que descobrirão a cola da consistência. Sem líderes nem partidos, o povo perdeu as referências. Não tem bússola. Nem a liderança com o carisma da esperança, nem o partido que aponta rumos.

4- A CPI da corrupção que armou o seu circo no Senado transformou-se em foco de preocupação. Nem pode ser identificada como um legítimo instrumento de atuação oposicionista (quem é, onde está a oposição?) nem representa um esforço parlamentar para ampliar a sua faixa de atuação, apurando e denunciando irregularidades do Executivo. A CPI virou-se contra o presidente José Sarney, mirando-o com a obstinação temerária de forçá-lo à renúncia ou arrastá-lo a uma desmoralização que o reduziria a um brinquedo das forças políticas. O caldo pode entornar e, espalhando-se, lambuzar a todos.

5- Nada se sustenta por muito tempo. Tudo parece provisório, improvisado. A derrota de ontem do *centrão* que por um voto não se consuma numa acachapante e inesperada punição pela arrogância de quem se considerava maioria e agora descobre que a Constituinte não tem donos e nem comando - é o recibo da instabilidade da Constituinte que deve traçar o roteiro do amanhã. Uma casa à matroca, que dança conforme o compasso da música do momento. O que ficou evidente é que a divisão do plenário é mais profunda e imprevisível do que os líderes de um e outra banda avaliaram. A Constituinte parece que só quer saber de consenso, driblando as decisões polêmicas, decididas no voto batido. No consenso ninguém perde, ninguém ganha. Principalmente, ninguém se arrisca. A unanimidade protege a todos com o biombo das mútuas acomodações.

6- Nenhuma palavra da esperança, nenhum aceno a dias melhores. Ao povo se impõe, de cima para baixo, na marra, mais sacrifícios, arrocho salarial, suspensão da URP. E, a cada dia, a dose provocadora de avisos de novos aumentos. Todo o dia, sem falhar um só. Parece coisa programada por especialista embirutado, decidido a testar, até as últimas consequências, a paciência, a resistência do pobre.

Com tais ingredientes, com tal quadro, o mais urgente e importante não é localizar a saída. Mas chegar até ela, escapulindo dos desvios da travessia.